

AS FAMOSAS CANOAS DE GUERRA DAS MONÇÕES DE CUIABÁ

Carlos Francisco Moura

O Sargento-Mor Teotônio José Juzarte, no DIÁRIO da viagem que fez no Iguatemi, em 1769, descreve as canoas das monções em geral, e daí podemos concluir as dimensões e outras características das canoas armadas em guerra.

Seu comprimento variava entre 11 e 13,20 metros, e a boca, de 1,10 a 1,54 metro.

“Chamam-se estas embarcações canoas, são feitas de um só pau, têm de comprimento cinquenta, até sessenta palmos, e de boca cinco até sete; são agudas para a proa, e popa são à maneira de uma lançadeira de tecelão. Não têm quilha, nem leme, nem navegação à vela. A grossura do casco não excede na borda a duas polegadas”.⁶⁸

Menciona também o camarote toldado, que nem todas as canoas de comércio possuíam.

“Nesse espaço da popa se costuma armar uma barraca (quem pode fazer essa despesa) que não acomoda mais que duas pessoas com incômodo, cuja se faz de baeta vermelha forrada de liagem, e fica à imitação da tolda de um escaler, mas isso só serve para algum bom caminho, porque as mais das vezes se não pode navegar com a dita barraca...”⁶⁹

Cada canoa levava, entre outras coisas, oito remos e quatro varas.

“Os remos são imitação de choupas de Espontoens com suas hastes: a saber, o remo do piloto é maior que os outros, porque com ele governa a canoa.

O do proeiro é maior que os dos remeiros, porque com ele desvia a lança dos perigos que se lhe oferecem pela proa.

Os remos dos remeiros são todos iguais”.⁷⁰

“As varas, que têm suas juntas de ferro, servem somente para subir os rios, que neste caso se não usa de remos”.⁷¹

A tripulação das canoas, chamada pelos contemporâneos gente de mareação, era formada, segundo Juzarte, por um piloto, um proeiro e cinco ou seis remeiros.

“(...) um piloto que peloteia no bico da popa em pé continuamente, um proeiro na mesma forma no bico da proa, cinco ou

seis remeiros também de pé”.⁷²

Outros autores mencionam também o contrapiloto ou sota-piloto.

Na monção do Governador Rolim de Moura, iam os rudes componentes da tripulação de sua canoa ataviados com luxo nunca visto.

“(…) indo primeiro a canoa de Sua Excelência com o guia do caminho todo muito bem vestido com farda azul, e chapéu de plumas, tudo agalado, e este ia piloteando, levava seis remeiros com véstia, e calção encarnado, e carapuça, ou barrete, com as armas de Sua Excelência abertas em prata (...)”⁷³

O viajante francês Hercules Florence, que seguiu para Cuiabá em 1825 pela antiga rota das monções, também menciona a barraca das canoas, num encontro que teve com uma monção do Governo comandada por um tenente de pedestres.

“(…) daí a nada apareceram três canoas com barracas vermelhas à popa e dois batelões a subirem a corrente”.⁷⁴

Noutra passagem, ele refere que as embarcações de sua própria monção (de comércio) tinham barracas de pano verde.

“(…) arranjei um batelão que, como as duas canoas grandes, levava uma barraca de pano verde armada à popa”.⁷⁵

Um passageiro de monção, em carta escrita em 1785, diz que a barraca era também chamada toldo.

“Vejo comigo na minha barraca ou toldo como lá se chama”.⁷⁶

Hercules Florence também registra o uso da buzina para dar sinal.

Sua expedição, ao comemorar a passagem da Cachoeira do Beliago, a última da viagem, ouviu, atônita e espantada, tiros dados além de uma curva do rio.

“Não tardou, porém, que se ouvisse a buzina do guia, e daí a nada apareceram três canoas com barracas vermelhas a popa e dois batelões a subirem a corrente. Arvoraram a bandeira brasileira, nós a russa, e, depois de nos saudarmos ainda com descargas, juntos abicamos à margem. Era uma monção do Governo, comandada por um tenente de pedestres (soldados, ou melhor, canoeiros de Mato Grosso, empregados no serviço dos rios), chamado Manuel Dias e que trazia a comissão de ir descobrir não só as nascentes do Rio Sucuriú, (...) como as do Itiquirá que são contravertentes”.⁷⁷

Dos primeiros anos do governo de D. Antônio Rolim de Moura, temos notícias das canoas de guerra com os aperfeiçoamentos introduzidos por ele.

José Custódio de Sá e Faria, em 1754, refere-se à frota enviada

pelo governador a esperar, na boca do Paraguai-Mirim, as comissões portuguesa e espanhola de demarcação de limites. Era composta de cinco canoas, "uma das quais armada em guerra, com sua peça de amiudar, e dez soldados com um alferes de dragões, e as mais com mantimento".⁷⁸

Datada de 14 de agosto de 1756 é outra notícia, esta do espanhol D. Manuel de Flores, membro da citada comissão. D. Manuel enumerando os perigos que enfrentavam as monções, conclui:

"Y (...) finalmente por las incursiones de los Indios Payaguás, que enboscados en las riberas y puntas, les acometen de improviso y matan cuantos pueden. Para obviar este riesgo, Illevan a hora un convoi de una ó dos canoas armadas en guerra, con pedreros y gente de armas: estas en la estación vienen de Cuyabá a esperar la flota en el Taguazú (sic), y la convoyan hasta la Villa, haciendo lo mismo a su retorno. Oblígalos a esta precaución la perdida que los años pasados tuvieron, por haber dado aquellos índios en la flota que regressaba de Cuyabá, cargada de oro pertenciente al rey y los particulares comerciantes, la que robaron enteramente, con muerte de muchos portugueses".

A mais completa descrição que conhecemos das canoas armadas em guerra de Mato Grosso é a do Padre espanhol José Quiroga. Esse ilustre jesuíta, aficionado da marinharia e professor de Matemática do Colégio de sua ordem em Buenos Aires, acompanhou o comissário espanhol D. Manuel de Flores, em 1752, na viagem a Mato Grosso.

Teve, então, oportunidade de conhecer as canoas de guerra, e deixou delas minuciosa descrição na qual transparece sua admiração pelo aperfeiçoamento que alcançaram e pela capacidade e presteza de tiro de sua artilharia.

Na sua "descripción del Rio Paraguay, deste la boca del Xauru hasta la confluencia del Parana", ele depois de referir-se sucintamente à navegação para Cuiabá, diz que as monções, antes de chegarem à Barra do Taquarí, no Paraguai, encontravam-se com a canoa de guerra, que passava a escoltá-las, porque em cada canoa de comércio só ia um branco, ou no máximo dois, e os remeiros, que não levavam armas, e, portanto, não podiam defender-se sozinhos dos Paiaguás.

O armamento consistia em um canhãozinho de bronze de uma vara ou pouco mais de comprimento, com o qual disparavam com rapidez muitos tiros.

Para isso, levavam cartuchos bem acondicionados em caixões. Esses cartuchos eram confeccionados com tecido encorpado - camellote⁸⁰ -, ao invés de com tecido leve - lienzo⁸¹ -, com o qual dá a entender que os cartuchos eram então normalmente feitos. Com isso,

evitavam que, depois de cada tiro, ficasse algum fogo no cano do canhão. Diziam, também, que, com esse tipo de cartucho, o canhão não se aquecia tanto, ainda que disparasse muitos tiros seguidamente.

A presteza com que disparavam, diz o Padre Quiroga, decorria em parte de terem todas as coisas à mão, e poderem, com facilidade, manejar o canhão, por ser curto, e, em parte, por serem quatro e bem exercitados os que o manejavam - um com o cartucho, outro com o taco e atacador, outro com a espoleta, que cravava no fogão cheio de pólvora para não deter-se em cevar, e outro, finalmente, com o bota-fogo⁸².

O canhãozinho, ainda que bem reforçado, não tinha nenhuma diferença de outros canhões na fabricação. Somente o suporte em que era montado era diferente, porque não tinha rodas e se apoiava sobre um banco da canoa de tal maneira que podia, com facilidade, virar para todas as partes; assim, disparando para um lado, podiam virá-lo e disparar para o outro.

A tripulação compunha-se de 12 soldados, com seu alferes e oito ou nove negros remadores com seus uniformes. O alferes tinha na canoa, para sua defesa do sol e da chuva, um camarote toldado muito bom, com cortinas e assentos. Os soldados também levavam no meio da canoa um toldo acomodado para seu resguardo. Os remadores iam à proa e à popa, e um, com o remo, servia de timoneiro.⁸³

Não se restringe o Padre Quiroga a descrever a canoa armada em guerra. Faz também uma interessante descrição dos cuidados que tinham seus tripulantes ao acampar, o que faziam, todo dia ao entardecer, pois as canoas não viajavam à noite.

Para dormir, tanto os tripulantes das canoas de guerra como os que viajavam nas de carga preveniam-se procurando antes do anoitecer algum local à margem do rio onde o mato fosse bastante cerrado e tivesse muitos abrolhos e espinhos, "de lo cual hay en aquella tierra abundância entre los árboles".

Ali varavam as canoas e com facões abriam uma clareira em semicírculo ou meia-lua, na qual armavam a tenda do alferes. Essa tenda era de baeta forrada com tecido leve⁸⁴, "por haber mostrado la experiênciã que esta especie de tiendas resiste mejor al água". Tinha oito passos comuns de comprimento, e mais de três varas de altura, e, por cumeeira, uma grossa taquara.

Os soldados e remadores penduravam suas redes às árvores e as cobriam com um grande lençol (sábana), que por ambos os lados chegava até ao solo. Esse lençol, diz Quiroga, servia não só para defender da chuva como principalmente para defender dos mosquitos, "de los cuales hay en aquellos rios increíble multitud". Para meter-se na rede sem que

ao mesmo tempo entrassem os mosquitos, era preciso levantar o lençol do solo somente o necessário para entrar se arrastando, sem deixar nenhum espaço pelo qual eles pudessem penetrar, porque, se entrassem, não deixavam de inquietar toda a noite.

Pela descrição, vê-se que a sámana era o famoso mosqueteiro usado pelos monçoeiros.⁸⁵

Para não serem surpreendidos pelos infiéis do rio, que eram os Paiaguás, e “otra nación que solamente se deja ver en el rio de los porrudos”, deixavam sempre um soldado de sentinela protegido por alguma estacada ou arbustos espinhentos, o qual tinha sempre à mão muitos fuzis carregados para poder fazer fogo se fosse necessário, enquanto acudiam os outros soldados.

Pela parte da terra não seria fácil serem acometidos, não só em virtude do impenetrável emaranhado do mato cerrado como “por la vigilancia de algunos perros que llevan siempre consigo los portugueses”.

Arremata, portanto, Quiroga sua descrição das canoas de guerra de Mato Grosso com outra revelação interessante - o emprego de cães.⁸⁶

NOTAS

* Este artigo constitui o capítulo Descrição das Canoas de Guerra, do estudo A Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste, publicado em 1986 no Rio de Janeiro, e no ano seguinte, na série Monografias, do Museu de Marinha, de Lisboa.

** A numeração das notas é o mesmo das publicações referidas.

68 - Affonso de E. Taunay, op. cit., t.III, p. 240. (Diário de Navegação, de Teotônio José Juzarte).

69 - Op. cit.

70 - Op. cit.

71 - Op. cit.

72 - Op. cit.

73 - Op. Relação da Chegada que Teve a Gente de Mato Grosso e Agora se Acha na Companhia do Senhor D. Antonio Rolim, p.3.

74 - Hercules Florence, Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829, p.84.

75 - Op. cit., p. 19.

76 - Carta de Um Passageiro de Monção (1785), Affonso de E. Taunay, op. cit., t. III, p.228.

77 - Hércules Florence, op. cit., p.84/5.

78 - Carta de 14/02/1754, de José Custódio de Sá e Faria, in Jaime Cortesão, Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri - Execução do Tratado, Parte V, p. 201.

79 - Op. cit, p. 279.

80 - "Camelote tejido fuerte y impermeable, que antes se hacia con pelo de camello, y después com el de cabra, mezclado con lana, y más recientemente con lana sola "(Diccionario Manual e Ilustrado de La Lengua Española, Real Academia Española). "Chamalote - tecido de lã ou pelo de camelo, que se usava antigamente. Tecido de seda ondeada. Chamelote. A palavra designa estofo, primitivamente feito de lã de camelo, e depois de pelo de cavalo, e, algumas vezes, misturado com seda" (Grande Enciclopédia Portuguesa).

81 - "Lienzo - tela que se fabrica do liño cañano o algodón" (Diccionario Manual e Ilustrado de la Lengua Española). "Lenço s.m. (do latin linteum) tecido de linho ou de algodão" (Fr. Domingos Vieira, Thezouro da Lingua Portugueza).

82 - "Bota-fogo (Ant.) - Haste de madeira em cujo extremo era posto o morrão ou 'vela mista' com que se lançava fogo à escorva da peça". "Fogão - Peça existente na culatra das antigas bocas de fogo e que tinha uma cavidade para receber a escorva" (Comtes. Humberto Leitão e J. Vicente Lopes, Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual).

83 - O Padre Quiroga emprega, para designar o camarote toldado, a palavra carroza - "armazón cubierta con toldo, que sirve para defender de la intemperie la cámara de las gondolas y faluas". (Diccionario Manual e Ilustrado de la Lengua Española).

84 - O jesuíta espanhol diz que a tenda era de "bayeta aforrada en lienzo" (V. nota 81).

85 - O Governador Rolim de Moura, na Relação da Viagem, descreve os mosquiteiros - Diz que eram de linhagem, e que, quando chovia, eram cobertos com uma baeta singela. Para defender-se dos mosquitos "inventaram os viandantes deste caminho o mosquiteiro, que vem a ser uma cobertura de linhagem ou de outra droga leve (...) Quando chove cobrem esta máquina com uma baeta singela, da largura que baste para alcançar alguma coisa mais abaixo da altura em que a rede fica, depois de seu dono deitado nela. É incrível o que isto resiste, ainda nas maiores chuvas do que eu me não podia capacitar enquanto o não vi". (Affonso de E. Taunay, op. cit, tomo III, p.205).

86 - A Description Del Rio Paraguay, Desde la Boca del Xauru hasta la Confluência del Paraná, por el P. José Quiroga, de la Compania de Jesus, saiu impressa em 1836, em Buenos Aires. Do capítulo dessa obra, Navegación Que Hacen los Portugueses del Brasil à Cuyabá, que inclui a descrição das canoas de guerra, fez uma tradução livre o Sr. Casimiro Brodziak Filho no artigo Roteiro Legendário das Monções publicado na revista Brasil-Oeste, São Paulo, fevereiro de 1958, p. 29/31.

BIBLIOGRAFIA

CORTESÃO, Jaime. Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1750)- Execução do Tratado - Parte V - do Tratado de Madrid à Conquista dos Sete Povos (1750-1802), BN, (Rio de Janeiro), 1969.

FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829, Tradução do Visconde de Taunay, S. Paulo, 1977.

MOURA, Carlos Francisco Moura. D. Antônio Rolim de Moura, Conde de Azambuja, NDIHR, Universidade Federal de Mato Grosso, Imprensa Universitária, Cuiabá, 1982.

- Arraial de Cuiabá - Vila Real do Senhor Bom Jesus 1719-1727, Rio de Janeiro, 1979.

- A Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste (Mato Grosso, Rondônia e Mato Grosso do Sul), Rio de Janeiro, 1986.

- A Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste (Mato Grosso, Rondônia e Mato Grosso do Sul), Monografias-8, Museu da Marinha, Lisboa, (1987).

- A Expedição Langsdorff em Mato Grosso - Desenhos e Pinturas Inéditos há mais de 150 Anos, Imprinta Gráfica e Editora e Universidade Federal de Mato Grosso, NDIHR, Rio de Janeiro, 1984.

QUIROGA, P. José, S. J.. Descripción del Rio Paraguay, desde la Boca del Xauru hasta la confluência del Paraná, Buenos Aires, 1836.

TAUNAY, Affonso de E.. História das Bandeiras Paulistas, tomo 3, 2a. ed., s.l., s.d.